

481 (RS)

**SBAT**  
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE  
PARA FINS DE CENSURA DO TEX-  
TO. AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO  
SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO

REPRESENTANTE NO R. G. SUL

"O SENHOR GALÍNDEZ"



Peça em 1 ato, de EDUARDO PAVLOVSKY

Tradução de PAULO MEDEIROS DE ALBUQUERQUE

**Teatro de Arena**  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Personagens

- BENTO
- ZÉ
- EDUARDO
- SARA
- COÇA
- A NEGRA

GRUPO CIRCO XX

NA PRIMEIRA CENA APARECE NO CENÁRIO UM JOVEN (EDUARDO, 20 ANOS) SENTADO NUMA DAS CAMAS. ESTÁ IMPACIENTE. VESTE-SE CUIDADOSAMENTE, CAMINHA PELO LUGAR, OLHA DE VEZ EM QUANDO SEU RELÓGIO. AO SEU LADO APARECE SARA, UMA MULHER DE 65 ANOS QUE ESTÁ LIMPANDO O LUGAR. HÁ DUAS CAMAS, UM TELEVISOR, UM ARMÁRIO, VÁRIAS CADEIRAS. OS DEMAIS ELEMENTOS IRÃO SE DEFINIR DE ACORDO COM A CENOGRAFIA.

EDUARDO - A senhora acha que vão demorar muito? Já são meio-dia e quinze. Me disseram que chegariam ao meio-dia.

SARA CONTINUA LIMPANDO. PARECE NÃO ESCUTAR. SE OUVI UMA MÚSICA E A VELHA PARECE VARRER COM UM CERTO RITMO.

SARA - Não seja impaciente, rapaz. Agora, todos os jovens são impacientes. Disseram que iam chegar ao meio-dia, não disseram? São meio-dia e quinze.

EDUARDO - Agora são meio-dia e vinte.

SARA - E que importância tem isso? Chegar, vão chegar. Pegue uma revista e espere aí, tranquilo. (SEGUE LIMPANDO)

EDUARDO - Tem um banheiro por aqui?

SARA - (MOSTRA O FUNDO) Atrás dessa portinha aí tem uma patente. Se está com vontade, entre. Na primeira gaveta tem papel higiênico.

EDUARDO - (ENVERGONHADO) Só quero...urinar, não preciso papel higiênico, senhora.

SARA - Xixi ou cocô é assunto seu, rapaz. Não tem necessidade de me dizer o que vai fazer dentro destas quatro paredes. Ali dentro cada um faz o que quer. Muito bonito seria se cada um tivesse que contar as coisas que faz ali dentro. É uma porcaria tudo isto. Vocês, os jovens de agora, têm a mania de contar tudo. Falam de intimidades como se fosse um assunto público. Eu sempre digo que assim as coisas perdem o encanto. Tem coisas que não se deve contar. Se perde o romantismo. (EDUARDO PERMANECE PARADO, OLHANDO SARA ASSOMBRADO). E, então? Não vai? O que aconteceu agora?

EDUARDO - Perdi a vontade.

SARA - Não disse que ia fazer xixi?

EDUARDO - Sim, mas não tenho mais vontade.

SARA - Viu, assim que é a inconstância da juventude. É o que eu critico em vocês. Um dia querem uma coisa, noutro dia outra. Há pouco queria urinar, agora já não tem mais vontade. Como vão progredir desse jeito? Por isso é que andam tão desorientados. Então, tomam drogas.

EDUARDO - Não, eu não tomo drogas, senhora.

SARA - Isso é assunto seu e não tem porque continuar me contando suas intimidades. Chega de porcaria, rapaz.

EDUARDO - (DESORIENTADO) Não, eu só queria dizer que desde pequeno me acontece a mesma coisa. Eu chamava a minha mãe de noite pra ir ao banheiro e quando ela me levantava eu já não tinha mais vontade.

SARA - E quantos anos tinha?

EDUARDO - Quem?

SARA - O senhor, jovem. De quem estamos falando?

EDUARDO - Não sei, talvez três ou quatro anos.

SARA - O senhor disse que a sua mãe também se levantava? E por que o senhor não se levantava sozinho? Pobre senhora?

EDUARDO - Era por indicação médica, porque eu era enurético.

SARA - O senhor pode ser ecurético ou o que quiser. Isso é assunto seu e não me interessa. Já lhe disse, sacanagem comigo não, hein?

EDUARDO - (ENFADADO, VERMELHO) Por aqui faz bastante frio, não?

SARA - Não me agrada que quando esteja falando de um assunto me saiam com outro sem me escutar, tá claro? Isto é ser mal educado.

(EDUARDO PREFERE NÃO CONTINUAR O DIÁLOGO. VOLTA A SENTAR NA CAMA E FOLHEIA O JORNAL. SARA CONTINUA LIMPANDO, SE APROXIMA E TIRA DE UMA GAVETA DO ESCRITÓRIO PAPEL HIGIÊNICO E LHE OFERECE).

SARA - Não queria ir ao banheiro? Se eu lhe deixo nervoso, saio e volto depois. Posso lhe emprestar uma revista, se quiser levar junto. Os rapazes sempre levam revistas lá pra dentro. Vá se aliviar. Vai lhe fazer muito bem e não se preocupe por mim. Faça tranquilo. (ALCANÇA UMA REVISTA). Tem gente que fica nervosa quando vai ao banheiro e há alguém na peça ao lado. Pelo barulho, né. Mas isso é muito natural e todos tinham que compreender. Quando casei com meu marido, que Deus o tenha (FAZ O SINAL DA CRUZ), Abelardo não podia ir ao banheiro nos primeiros dias. Tinha vergonha. Quando eu voltava das compras, sempre perguntava: Faz Abelardo? No fim, tive que lhe dar uma lavagem de um litro. Ele dizia que a partir disso o romantismo acabou. Sempre me reclamava por causa da lavagem. Mas sabe o que aconteceu, moço? Eu não queria dizer pra não ofender o Abelardo, mas ele tinha um hálito insuportável e pode crer que depois da lavagem as coisas começaram a melhorar em todos os sentidos, pois no princípio Abelardo estava muito cabreiro comigo. O que que há?

EDUARDO - Não tem outra revista que não seja o Pato Donald?

SARA - Por que? O que tem contra o Pato Donald? O Zé sempre traz.

EDUARDO - Quem é Zé?

SARA - Um dos meninos.



EDUARDO - E não tem outro tipo de revista que não seja o Pato Donald?

SARA - Ah, agora já entendo muito bem. Não! Pra seu governo, saiba que não temos aqui o tipo de revista que o senhor quer. Nem eu permitiria.

EDUARDO - Como? Não entendo. Do que está falando?

SARA - Sim, o senhor sabe muito bem do que estou falando. O senhor está me pedindo uma dessas revistas que a juventude tem agora, alguma pornografia pra se fazer sacanagem no banheiro.

(EDUARDO OLHA PARA SARA TOTALMENTE DESCONCERTADO E SE DÁ CONTA QUE É INÚTIL SEGUIR O DIÁLOGO. PEGA O JORNAL E VOLTA A LER. SARA SEGUE LIMPANDO. DE REPEN- TE PARECE QUE TEM UMA CONTRAÇÃO. AGARRA A BARRIGA, PEGA O PAPEL HIGIÊNICO E O PATO DONALD E VAI PARA O BANHEIRO)

SARA - (RINDO) Como se eu não conhecesse a juventude...

(VOZES. A PORTA DO PORTÃO SE ABRE E SURTEM, DESCENDO A ESCADA, BETO E ZÉ)

BETO - Oi, como vai a coroa mais linda do mundo?

(ZÉ DÁ UM SALTO DA ESCADA E SE ATIRA SOBRE SARA. ZÉ COMEÇA A DANÇAR COM SARA. SARA RI, SE SENTE UM POUCO FORÇADA, MAS SEGUE A BRINCADEIRA)

SARA - Chege, chege que eu tô cansado.

BETO - (AO PÉ DA ESCADA, APLAUDE) Eu também, eu também.  
(DANÇAM OS TRÊS)

SARA - Chege que me metam, loucos.

(REAPARECE EDUARDO, ASSUSTADO E COLOCANDO AS CALÇAS. TEM O PATO DONALD NUMA MÃO).

BETO - O que é isto?

EDUARDO - Boa tarde senhor, me desculpe. (ABOTOA AS CALÇAS) Tenho uma carta para os se- nhores (VAI ATÉ A VALISE E PEGA A CARTA)

ZÉ - (ARRANCANDO) Me dá o Pato Donald.

SARA - Este jovem faz tempo que está esperando. Veio com o amigo dos senhores.

BETO - Me dá a carta.

SARA - Foi bastante atrevido comigo.

ZÉ - Quer dizer que queria faturar a velha?

SARA - Me pôdiu revista de sacanagem.

ZÉ - Então, teve a fim de tirar um sarro com a coroa, hein?

BETO - (PARA ZÉ) Lê isso. Olha só quem mandou.

ZÉ - (LÊ) Puta que pariu. Não pode ser.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

- BETO - Olha só o entulho que mandou pra gente.
- SARA - É muito sacana. Se cuidem.
- ZÉ - É programa de índio passar uma temporada com este borra-bosta.
- BETO - (A EDUARDO) Aqui não há lugar pra ti. Tem só duas camas.
- ZÉ - Se a gente fica mais de um dia, onde tu vai te encontrar, hein?
- EDUARDO - Em qualquer lugar, senhor.
- BETO - Nessa porra de armário não tem lugar. Não pode deixar nada ali.
- ZÉ - E eu faço ginástica um baita tempo. Onde tu ficar vai estar sempre me tirando espaço, garoto.
- EDUARDO - Não se preocupem por mim. Eu me atiro em qualquer lugar. Fico parado, se preferem. Eu não tenho problemas.
- BETO - Contigo aqui, fica ruço. Nós dois trabalhamos muito bem sozinhos e os estranhos só terram o saco, entendeu?
- ZÉ - Ainda por cima, chega a de cara quer faturar a velha que poderia ser a mãe do otário.
- EDUARDO - São idéias dela, senhor. Eu não disse nada à senhora.
- BETO - (A EDUARDO) E o galã aí ainda é mentiroso? (A ZÉ) Te juro, Zé, que um dia Galíndez ainda vai me ouvir. Como é possível que não nos consulte.
- ZÉ - E alguma vez ele nos consultou? Tás falando do que?
- BETO - Não! Mas num caso desses devia ter nos avisado antes. É diferente. Afinal, aqui ninguém é novato. Ele tá sacando que nós dois juntos trabalhamos muito bem. Já batemos isso pra ele uma porrada de vezes.
- ZÉ - (A EDUARDO) Tás olhando o que, bunda-mole?
- BETO - Te fraga, cara. Veio aqui só pra aporrinhar?
- EDUARDO - Não senhor. E estou achando os senhores muito simpáticos.
- ZÉ - Pois pra nós é só encheção de saco, ainda não deu pra ver?
- BETO - Se fosse por mim, já teria te mandado pras picas.
- ZÉ - Não esperamos ajuda de ninguém.
- BETO - A gente trabalhe sozinho, entendeu?
- ZÉ - O cara se acostuma a trabalhar de dois e um babaca qualquer vem escultchar o nosso ritmo.
- EDUARDO - Se soubesse que iria lhes causar tanto transtorno não teria vindo.
- BETO - Que nada, deve ter pedido pra vir pra cá.



- ZÉ - Que que veio fazer aqui? Nos dedar?
- BETO - Galíndez não manda ninguém aqui, se não quer vir.
- ZÉ - Qual é a tua, cara? Caguetagem ou bichice?
- BETO - Revista ele, Zé. Eu vou ao banheiro. (VAI AO BANHEIRO, VOLTA EM SEGUIDA) (A EDUARDO) Me diz uma coisa, quem o melandro aí tá pensando que é?
- EDUARDO - O que aconteceu? O que eu fiz agora?
- BETO - (A ZÉ) Nos deixou um cagalhão de brinde.
- ZÉ - Como, não puxou a descarga?
- EDUARDO - Desculpem...
- ZÉ - Primeiro, chega e quer sacansar a velha e agora nos deixa os jacarés boiando.
- BETO - (A ZÉ) Dá o bom-ar pra ele. Não dá nem pra entrar na patente. (ZÉ TIRA O DESODORANTE DO ARMÁRIO E ATIRA A EDUARDO, QUE VAI AO BANHEIRO).
- ZÉ - Puxa a descarga!
- SARA - (ENTRANDO E PONDO A MESA) A comida está pronta, reperez.
- BETO - Nem me fale de comida agora, que vomito. (AJEITA SUA SACOLA E PÕE SUAS COISAS NO ARMÁRIO).
- ZÉ - O taredo não puxou a descarga.
- SARA - (SAI) Eu disse que era um degenerado.
- BETO - O cara vem muito a fim de trabalhar e mandam um saco de bosta como este.
- ZÉ - (A EDUARDO) Epa!...Chega, ô cara! Tá pensando que pode gastar todo o bom-ar, qual é?
- (SARA VOLTA A ENTRAR TRAZENDO PRATOS E TALHERES)
- BETO - (A SARA) Por que não espere um pouquinho, Dona Sara, pra arejar um pouco. O cheiro está medonho.
- SARA - (SAINDO) Bom, vou esperar um pouco antes de servir.
- (BETO ARRUMA SUAS COISAS NO ARMÁRIO, ZÉ PEGA SUA VALISE E TIRA UNS PÉSOS E UMA PEQUENA ROLDANA QUE ENGANCHA NA CAMA).
- BETO - O quê? Já vai começar a fazer ginástica agora?
- ZÉ - Por enquanto, só vou montar a roldana. (FAZ LUITO BARULHO)
- BETO - Zé, tu não sabe que a tua ginástica me deixa nervoso?
- ZÉ - Pô, xará, e eu fico nervoso se não fizer ginástica. Tu tá sabendo disso, (SEGUE ARMANDO A ROLDANA)

EDUARDO - Já está, senhor. (PAUSA) Por favor, onde ponho as minhas coisas?

BETO - Larga em qualquer lugar e deixa de encher, ô panaca,  
 (EDUARDO TENTA DEIXAR SUAS COISAS AO LADO DA CAMA DE ZÉ)

ZÉ - Não, no meu lado não! Fica neste canto.

BETO - Que canta?

ZÉ - Aqui, neste.

BETO - (MOSTRANDO OUTRO LUGAR) Não, fica ali moleque.  
 (EDUARDO SE VOLTA DEPRESSA)

ZÉ - Moleque, vem, fica ao meu lado. (EDUARDO VOLTA A SE MOVER)

BETO - Não, moleque, fica no meio dos dois. (EDUARDO SE COLOCA NO MEIO)

EDUARDO - (MUITO CAHSADO) Desculpe, senhor. Fico aqui?

ZÉ - Faça o quê quiser.

BETO - Pra que perguntar tanto? Decide tua vida, ô bolha, e não enche mais.

SARA - (ENTRANDO COM A COMIDA) Tá na mesa, rapazes.

ZÉ - A papinha?

BETO - Por que não traz um banquinho e come aqui com a gente, Dona Sara?

SARA - Não, comem tranquilos, que eu vou comer na cozinha. Vamos ver se gotam de comida. (SAI)

ZÉ - Quer vinho, Beto? (COMEÇA A COMER)

BETO - Me serve um pouco. Tens aí o volante? (ZÉ LHE ALCANÇA O VOLANTE)

ZÉ - É o teu? (BETO LHE ALCANÇA UM VOLANTE)

ZÉ - Tá joinha, hein? (COMENDO COM GOSTO)

BETO - (OLHANDO O VOLANTE) Quer saber a verdade?

ZÉ - Que aconteceu? Marquei errado?

BETO - Não vais te chatear? como de outra vez?

ZÉ - Se é pra dizer alguma coisa que me irrite, fica quieto!

BETO - Não, é pro teu bem. Te digo a verdade.

ZÉ - (MUITO SÉRIO) Mas por que? É alguma coisa muito grave? Que que houve? Fala!

BETO - Tu é mesmo um amador?

ZÉ - Por que um amador?

BETO - Botar que o Juventude genha do Grêmio? Qual é? Não sabe quanto tempo faz que

Teatro de Arena  
 Av. Borges de Medeiros, 835  
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



ele não ganha no Olímpico?

ZÉ - Não seja bobo. Palpite, velho.

BETO - Põe a lógica! E bota lógica nisso. Por que não pede pra tua velha te preencher o cartão?

ZÉ - Eu digo que o Juventude ganha do Grêmio!

BETO - Mas é o que tá com a lanterna, ô mula velha.

ZÉ - É é por isso mesmo que ganha, sacou?

EDUARDO - Eu pus que ganha o Grêmio.

(BETO E ZÉ SE OLHAM)

BETO - É inteligente o menino, hein?

ZÉ - O amizade aí também faz uma fezinha na Esportiva?

EDUARDO - Às vezes, a gente se junta lá no C.P.O.R. e faz um bolão.

BETO - Zé, não convidamos o moleque pra comer! Vem, menino, senta.

(JÁ NÃO HÁ NADA PARA COMER. EDUARDO PROCURA, MAS NÃO HÁ MAIS NADA)

ZÉ - Aqui tem pão! (LHE ATIRA UM PEDAÇO DE PÃO NA CARA)

BETO - (A ZÉ) Serve vinho. (NÃO TEM VINHO. ZÉ SERVE SÓ AS ÚLTIMAS GOTAS)

ZÉ - Que pena! Se tivesse avisado antes, sentava pra comer com a gente. Como não disse nada, pensei que já tinha almoçado.

BETO - Melhor, assim o moleque está mais leve. Galíndez te mandou aqui pra apreender. Então, tem que estar muito lúcido.

EDUARDO - Eu estou muito satisfeito por estar aqui com os senhores.

ZÉ - E como tu te meteu nisso?

EDUARDO - Por uns psico-testes que me fizeram.

BETO E ZÉ - Psico-testes?

EDUARDO - É, uns questionários que eu respondi. Na disseram que a minha personalidade se adaptava a este tipo de trabalho. E, como eu me mostrei interessado, me disseram que viesse praticar com os senhores. Me falaram de cursos técnicos primeiro, mas me disseram que por minhas características pessoais eu tenho que fazer a prática. Depois, se me adapto, vem a teoria.

BETO - Viu, Zé? Agora eles fazem testes e tudo mais.

ZÉ - Já leu os livros de Galíndez?

EDUARDO - Não, ainda não. Quer dizer, recém comecei a ler. Estou por terminar o primei-

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



ro volume. São muito interessantes. Eu não conheço o senhor Galíndez pessoalmente, mas depois de ler as duas primeiras linhas já tinha vontade de conhecer. Quando me deu a carta para os senhores, eu quis falar com ele pra agradecer. Mas foi impossível, não consegui. Fui duas vezes seguidas. Até achei estranho não poder falar com ele pessoalmente.

BETO - Achou estranho não poder ver a quem? (AMEAÇANTE)

EDUARDO - Ao senhor Galíndez.

ZÉ - (LEVANTA E AGARRA EDUARDO PELO PESCOÇO) Me diz uma coisa, cagalhão! Acredita que um cara como Galíndez vai te receber só pela tua linda cara?

BETO - Quem tu tá pensando que é, a Sandra Brea?

ZÉ - Quer dizer que o nenê do C.P.O.R. pretende, só porque sim, ter uma entrevista com Galíndez. Faz dois anos que nós dois trabalhamos pra ele e até hoje não vimos a cara dele. (AMASSA EDUARDO CONTRA O PRATO)

BETO - Dé comida pra ele, assim passa a esnobação deste pirralho. Primeiro quer faturar a coroa, depois nos deixa um cocozão como brinde e agora acha estranho não poder ver Galíndez em dez minutos. Tu é incrível, cara!  
(ZÉ MANTÉM EDUARDO COM A CARA PEGADA AO PRATO. ENTRA SARA)

SARA - Querem café, rapazes?

ZÉ - (RINDO) Não, espere, que o moleque não terminou o segundo prato.

SARA - Já estão trabalhando?

BETO - Traga dois cafés, Dona Sara, Ele veio aprender o ofício.

ZÉ - Fez um teste! Se saiu bem e veio se especializar.

BETO - Deixa ele, Zé. Já comeu. O menino pode ter uma indigestão.  
(ZÉ AFROUXA EDUARDO, QUE SE LEVANTA DA MESA CHORANDO, VAI PARA O BANHEIRO; BETO TIRA DA PASTA UNS APONTAMENTOS E PEGA UM GRÁVADOR NO ARMÁRIO).

ZÉ - Não esquece de puxar a descarga, hein?

BETO - Esta juventude! Ai, meu Deus!

ZÉ - Esse garoto é uma gracinha, né?

(ZÉ OLHA BETO, PEGA UNS APONTAMENTOS E LÊ)

ZÉ - Instituto Univesaal Brasileiro?

BETO - Estudo aí agora.

ZÉ - E por que tá te metendo nisso?

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- BETO - Olha, velho, eu quero progredir, ser alguém na vida. Por isso, comecei a estudar Contabilidade, Secretariado e Legislação. Quero fazer o meu caminho. Um futuro.
- ZÉ - Mas este serviço não te satisfaz?
- BETO - Bem...satisfeito eu estou.
- ZÉ - E então?
- BETO - Acontece que este trabalho pode acabar um dia.
- ZÉ - Me diz uma coisa, cara, tá ficando louco? Este é o trabalho mais seguro do mundo. Além disso, a gente já é mestre...Técnicos! Olha só esse menino aí, veio aprender com a gente. Por que mandaram ele? Porque a gente é indispensável.
- BETO - Sim...índispensáveis nós somos. Mas sabe o que acontece? Depois do que houve com o Magro Azambuja...comecei a pensar muita coisa.
- ZÉ - Pára, velho, que o Magro Azambuja era um louco. Tás sabendo muito bem. Ele andava mal e não ia continuar assim por muito tempo.
- BETO - Mas o Magro era o perito no trabalho. E, mesmo assim, era chamado cada vez menos. Paguevam o salário dele com atraso. As pessoas não queriam mais conversar com ele. Como não ia andar mal?
- ZÉ - Pô, mas ultimamente o Magro estava se saindo muito mal no serviço.
- BETO - Não, Zé, o jogo não é bom assim.
- ZÉ - O que que não é bom assim?
- BETO - Pra mim, o Magro me contou outras coisas. Me disse que quando trabalhava, o Galíndez falava primeiro e dava as ordens. Depois de dez minutos voltava a falar e trocava as ordens, por outras diferentes... Daí, quando o Magro terminava de trabalhar, o Galíndez chamava de novo, todo irritado, pra perguntar porque as instruções tinham sido desobedecidas. Então, o Magro Azambuja explicava que ele tinha seguido as instruções do segundo chamado. Sabe o que o Galíndez dizia? Que ele tinha falado só uma vez, que o segundo chamado nunca existiu. Como não ia andar mal?
- ZÉ - Porra...que confusão,né?
- BETO - Eu disse ao Magro que fosse ver o Galíndez. Esteve vinte dias nas ante-salas e juntamente no dia em que poderia falar com ele, lhe disseram que o Galíndez não podia receber porque estava ocupado. Sabe duma coisa, Zé? Tem uma coisa que eu nunca te disse. Faz mais ou menos um mês, o Magro me ligou desesperado, eu tava na cama com a patroa. Mas eu te juro, senti que a voz do outro lado tava tão ruim que fui correndo pra casa dele. Quando cheguei, me disse que tinham telefo-



nado, disseram que iam matar ele. O Magro estava desesperado? Af, sabe o que ele me pediu, Zé? Pediu que eu lhe desse a mão e que não apagasse a luz porque tinha medo. Chorava feito criança.

ZÉ - O Magro tava chorando?

BETO - Sabe, Zé, eu conheço o Magro Azembuja desde que entrei no serviço. Pra mim era um mestre, um fora de série. Ele é daqueles que não existem mais! Como é que eu ia abandonar o cara?

ZÉ - E o que aconteceu?

BETO - Às duas da manhã o telefone tocou, eu vi que o Magro estava pálido, que tremia...Então eu tirei o fone de mão dele e fiquei ouvindo... Diziam que ele se arrancasse do trabalho, que não prestava mais e que se não saísse do país iam apagar ele...(PAUSA) Pra mim a voz era do Galíndez.

ZÉ - O quê? Tás ficando louco?

BETO - Não, o que falava não dizia que era o Galíndez, dizia que falava por parte do Galíndez. Mas pra mim a voz era do Galíndez, Zé.

ZÉ - (SOBRESSALTADO) E o Magro?

BETO - Quando desligaram, eu olhei pro Magro. Estava tranquilo. Sabe os que sacam tudo de cara? Que manjam tudo? De repente, ele chegou perto de mim e disse: Obrigado, irmão, obrigado Beto por ter me acompanhado. Agora vai pra casa, porque eu entendo tudo.

ZÉ - Eu não entendo um caralho!

BETO - Eu também não entendia. Daí eu perguntei: "Pô, Magro, qual é? Fala..." Mas ele não quis. Me acompanhou até a porta e me beijou...Nós dois choramos. No outro dia encontraram ele enforcado...Eu não quis ver.

ZÉ - Mas...ele não se enforcou porque a mulher dele tinha se mandado?

BETO - Não mesmo. E é por isso, Zé, que eu me inscrevi no Instituto Universal Brasileiro. Tás sacando? De repente as coisas mudam e se quiserem me dispensar... Bom...já tenho outro trabalho. Eu tenho outros compromissos na vida, tenho mulher, família, filhos. Contigo é diferente, tu é um cara livre. Na verdade eu te invejo. Tu é um homem livre, Zé!

ZÉ - Mas...eu não posso acreditar. O Galíndez gosta muito de nós dois... Ele não nos cumprimentou várias vezes pelo serviço?

BETO - Mas quem te cumprimentou?

ZÉ - Como quem cumprimentou?

BETO - Como tu sabe que foi o Galíndez quem te cumprimentou?

- ZÉ - Ué, porque ele nos mandou dois telegramas assinados com a letra dele mesmo?
- BETO - Os telegramas podem não ter sido mandados por ele.
- ZÉ - (ATERRADO) E por quem, então?
- BETO - Alguém que se faz passar por ele. Como sabemos que é o Galíndez, se faz dois anos que trabalhamos pra ele e ainda não vimos a cara dele?
- ZÉ - (MAIS TRANQUILO) Mas, Beto, o Galíndez existe...quer dizer, é uma pessoa real...de carne e osso...como nós...
- BETO - Sim, suponho que sim.
- ZÉ - (ASSUSTADO DE NOVO) Como "suponho"? Agora vais me dizer que poderia chegar a não ser de carne e osso que nem nós?...E então o que nós estamos fazendo com ele? Por quem estamos, cara? De quem recebemos as ordens?
- BETO - Do Galíndez, Zé?
- ZÉ - Então não tem problema. Tamos aqui porque ele nos dá as ordens...e nós obedecemos. Ele nos paga e nós trabalhamos. Tchau, velho, não me enche mais o saco!
- BETO - Não tenho tanta certeza. E se a gente estivesse aqui e recebesse as ordens de outro? Como sabemos pra quem trabalhamos se nunca vimos o Galíndez?
- ZÉ - Porra...e quem te paga? Tá! Quem nos paga? A gente recebe o envelope, assinadinho e carimbadinho por ele, todos os meses.
- BETO - Pode ser que o Galíndez esteja nos pagando...Mas a gente pode estar trabalhando, seguindo as ordens de outro, que pode estar em combinação com o Galíndez, Zé. Eu, depois da do Magro Azambuja, comecei a pensar tanta coisa!
- ZÉ - (RINDO) Tá bem! E quem é o outro que se faz passar pelo Galíndez, quer dizer, no caso de que não seja o Galíndez em pessoa que nos telefona, mas alguém que só tá nos enrolando?
- BETO - E se fosse alguém que Galíndez usa pra dar contra ordens? (PAUSA) E se fosse alguém que estivesse interferindo, que estivesse passando o Galíndez pra trás?
- ZÉ - Tá falando de alguém que teria se metido e estivesse provocando?...
- BETO - Tá todo mundo enrolando...?!?
- (NESTE MOMENTO EDUARDO SAI DO BANHEIRO COM O DESODORANTE NA MÃO)
- EDUARDO - Já pus o bom-ar, senhor.
- (ZÉ E BETO OLHAM PARA EDUARDO. AVANÇAM ATÉ ELE. AGARRAM, EMPURRAM, DÃO CHUTES)
- BETO - Fala, filho da puta, qual é a tua? (AGARRA OS GENITAIS)
- ZÉ - Desembucha logo. Te demos o flagra. Tu não vai nos foder, como fodeu com a vida do Magro Azambuja! (AGARRA O PESCOÇO)

BETO - Pra quem tás trabalhando, o moleque? (SOCOS)

ZÉ - Quer dizer que nos enrola, dizendo que é o Galíndez? (SOCOS NA CARA)

BETO - Por que não imita agora? Palhaço! Anda! Imita ele, putão!

EDUARDO - Por favor, parem! Não sei do que estão falando!

ZÉ - (CHUTA) Quería foder a gente, como fodeu o Magro, né?

BETO - (TAMBÉM CHUTA) Mas eu e o Zé somos dois. A gente trabalha em equipe e vai se defender até o fim.

(TOCA O TELEFONE. BETO E ZÉ SOLTAM EDUARDO, QUE CAI DESMAIADO)

BETO - Aiô! Sim... (LEVANTANDO O FONE, TROCA A CARA INEXPRESSIVA POR UMA CARA DE ENORME PRAZER E SUBSERVIÊNCIA) Sim, Seu Galíndez... Como vai o senhor?... Muito bem, muito obrigado, Seu Galíndez... (A ZÉ) O Seu Galíndez está te cumprimentando, Zé!

ZÉ - Um abraço que eu mando pra ele, também!

BETO - O Zé tá lhe mandando um abraço, Seu Galíndez... Sim, senhor, o novo companheiro já chegou (OLHA EDUARDO) Não se preocupe que nós vamos cuidar bem dele... Além disso, eu e o Zé já falamos do nosso trabalho em comum e ele tá encantado com nós dois... Sim senhor... O que se vai fazer?... Nossa missão é esperar, Seu Galíndez... compreendido, Seu Galíndez... Entendido! Às suas ordens, - Seu Galíndez! (DESLIGA)

ZÉ - (COMO CRIANÇA) E daí, o que que ele disse?

BETO - Disse que ainda não tem novidades. Que a gente espere tranquilos. Que espera poder nos felicitar, como sempre. (EMOCIONADO) E está orgulhoso da gente.

ZÉ - Sem gozação. Ele disse mesmo que está orgulhoso de nós dois?

BETO - Pô, ele me disse isso duas vezes, Zé. No começo e no fim da conversa. Duas vezes!

ZÉ - Vão ver, repete as mesmas palavras que ele recém disse.

BETO - Não me lembro, Zé... Deixa ver... espera... disse... que não havia novidades... que esperava que a gente executasse a tarefa com a mesma eficiência de sempre e que nos mandava um abraço.

ZÉ - Pô, ele retribuiu o abraço que eu mandei?

BETO - Te juro, Zé. Ele falou com a voz muito sentida. Daqui (TOCA A GARGANTA)

ZÉ - Que belo sujeito é esse Galíndez! Olha que sempre foi muito carinhoso com a gente. Viu? Eu te disse...

BETO - É um cavalheiro! Digam o que disserem, Zé, mas é um cavalheiro! (SE MOVIMENTA)



NERVOSAMENTE] Eu já tô com vontade de começar a me mexer. Sem serro! Cade vez que falo com ele, me dá uma baita vontade de trabalhar!

ZÉ - Tá na cara que vai nos mandar outro telegrama! Eu também tô com uma puta vontade de começar a trabalhar.

BETO - Digam o que disserem, Zé, deixa falar, mas é um cavalheiro!

(UM GEMIDO DE EDUARDO. BETO E ZÉ SE OLHAM)

BLACK OUT LONGO; MÚSICA DE PERCUSSÃO SUGERINDO O TRANSCORRER DE UM PROLONGADO ESPAÇO DE TEMPO. QUANDO SOBŊ A LUZ, OS ESPECTADORES VISUALIZAM OS PERSONAGENS NA SEG'INTE SITUAÇÃO; BETO ESTÁ ESTUDANDO COM VÁRIOS APONTAMENTOS DO INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO; LIGA TAMBÉM UM GRAVADOR DE ONDE SE ESCUTA A SUA LIÇÃO DE CONTABILIDADE. ÀS VEZES DESLIGA O GRAVADOR E REPETE ' QUASE DE MEMÓRIA O QUE OUVIU, QUANDO NÃO LEMBRA DE ALGO, VULTA A FITA ATRÁS PARA RECORDAR E CONTINUA. ZÉ ESTÁ FAZENDO A BARBA COM UMA NAVALHA. ESTÁ DE FRENTE PRO BETO E DE VEZ EM QUANDO O OBSERVA. EDUARDO ESTÁ DORMINDO SOBRE UM COLCHÃO NO CHÃO.

ZÉ - Ei, Beto! ...

BETO - Shhh! (ESCUA O GRAVADOR)

ZÉ - (PAUSA) Ei, péra aí. Tu nunca bateu na tua velha?

BETO - Quer ficar quisto, caralho! Não tá vendo que eu tô ouvindo a lição? Tá surdo ou tá se fazendo?

ZÉ - Mas um bife... nunca deste, quando tu era garotinho?

BETO - Cala a boca, ô imbecil, que assim eu não ouço.

ZÉ - Pô, responde, Beto. Nenhum tapa? Um bofetinho só?

BETO - (DESLIGANDO O GRAVADOR) Não, nunca surrei a minha velha. Está tranquilo? Nunca SUR-REI. Me deixa estudar agora?

ZÉ - Eu, hein, Rosa! A boneca tá nervosa...hum...

BETO LIGA O GRAVADOR. OUVI MUITO CONCENTRADO. ZÉ CONTINUA FAZENDO A BARBA. EDUARDO DORME).

ZÉ - Ei, e na patroa tu não bate?

BETO - (DESLIGA O GRAVADOR) Perxa, Zé, não fode. Ou me deixa estudar ou te arrebita a cara. Sem esse!

ZÉ - Ui, tá nervosinho. Quando o chefe não liga, não dá pra te aguentar. Nas últimas quinze horas não falou comigo nenhuma vez. Tá ficando gagá, care. Assim, ô. (ZÉ COM O DEDO, FAZ UM GESTO DE IMPOTÊNCIA).

BETO - (TRATANDO DE SE ACALMAR) Não, não tô nervoso, Zé. (MUITO PATERNAL) Minha única ambição é estudar esta lição de Contabilidade. Sábado ter prova, tenho que fazer o exame e não entendo nada. O negócio é simples. Não vamos complicar. A única

coisa que eu quero fazeré estudar.(MUITO CARINHOSO).Vê se esntende. Me deixa eg tudar, Zé.

ZÉ - (MUITO CONCENTRADO, SE BARBEANDO) É por que pedir pra mim? Quem sou eu? O ilus- tríssimo Universal Brasileiro?(BETO LIGA O GRAVADOR) Ei, Beto, só mais uma coi- saooo

BETO - (DESLIGANDO O GRAVADOR) Zé, tás a fim de me pirar? Me deixa quieto, Zé!

ZÉ - Me responde só uma perguntinha...

BETO - (RESIGNADO) Tá, tá bom. Que pergunta?

ZÉ - Na patroa, nunca bateu?

BETO - Como assim, batesu?

ZÉ - Claro, nunca deu nela? Uma bofetada? Um tapinha?

BETO - Tás ficando pinel?

ZÉ - Qual é, Beto. Vai me dizer que nunca foi capaz de bater na tua mulher? Nem um bifeinho? Assim...pequeninho? (MOSTRA COM A MÃO)

BETO - Bom, um dia eu dei um bifeinho, sim.

ZÉ - Quando?

BETO - Ih, a gente recém tinha casado.(PAUSA) Puta...faz tantos anos que já nem me lembro mais.

ZÉ - E por que?

BETO - E por que o quê?

ZÉ - Por que bateu?

BETO - Ora...(MODESTO) Foi porque disse que papai tinha cara de idiota.

ZÉ - E daí?

BETO - (MODESTO) Daí, eu dei um bifeinho, mas pequeninho. E disse que a mãe dela tinha cara de puta velha.

ZÉ - E ela o,que fez?

BETO - Começou a chorar e quis se mandar.

ZÉ - E tu, fez o que?

BETO - Como fez?

ZÉ - Se foi? Deixou ela ir?

BETO - Ficou louco? Como iria deixar ela ir, tás sabendo que eu gostava dela.

ZÉ - Agora não gosta mais?

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- BETO - Gosto sim.
- ZÉ - Mas, porque falou "gostava"...
- BETO - (PAUSA) É uma maneira de dizer, ora.
- ZÉ - E o que aconteceu depois?
- BETO - Nada, não aconteceu nada. Ficou o dito pelo não dito e assunto encerrado.
- ZÉ - Que quer dizer com isso?
- BETO - Que ela me disse que papai não tinha cara de idiota e que eu disse que a mãe dela não tinha cara de prostituta velha.
- ZÉ - Ops, disse p-r-o-s-t-i-t-u-t-s?!
- BETO - (CONFUSO) Quando?
- ZÉ - Agore, tu usou dois termos totalmente diferentes: puta e prostituta.
- BETO - Sei lá, Zé. Deixa de torrar meu saco! O que, tás me fazendo exame agore? Me perguntou, respondi. Que mais tu quer? Pára com isso, velho!
- ZÉ - Ah, e ainda por cima se irrita! Claro, o porra-louca sou eu.
- BETO - Porra, Zé, é difícil entender isto aqui. Verdade. No sábado tenho prova. (CARINHOSAMENTE) Deixa eu estudar, Zezinho?
- (ZÉ NÃO RESPONDE E CONTINUA A SE BARBEAR. BETO O OBSERVA POR ALGUNS SEGUNDOS E LOGO LIGA O GRAVADOR).
- ZÉ - (MUITO SÉRIO) Beto! (BETO DESLIGA O GRAVADOR RESIGNADAMENTE) Eu bata na Neli.
- BETO - Quem é a Neli?
- ZÉ - Uma transa que eu tenho agora. (PAUSA) Como, não diz nada?
- BETO - Que quer que eu diga? Bata, Zé! Bata, Zé!
- ZÉ - Ela adora.
- BETO - O que ela adora?
- ZÉ - Que eu bata nela, que eu dê nela.
- BETO - Masoquista!
- ZÉ - Maso...o quê?
- BETO - (PAUSA) Nada...é que ela gosta que batam nela.
- ZÉ - (RI) Quando "fazemos a coisa"...(AO NÃO VER RESPOSTA DE BETO, FICA SÉRIO)
- BETO - Que coisa?
- ZÉ - A coisa... (PAUSA) A coisa, a coisa, entendeu? A coisa.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- BETO - Ah, a coisa!
- ZÉ - Sim, a coisa.
- BETO - No ato?
- ZÉ - Que ato? (BETO O OLHA) Ah, o ato. É tiro e queda, se não soco, ela não vai.
- BETO - Vai onde?
- ZÉ - Ora, se não bato nela, não vai, não vai ao ato. Sacou? Ó, cacete, tô tratando de ser delicado! Tu também é um débil mental!
- BETO - Que delicado, que nada, ô tarado!
- ZÉ - Nada disso, meu querido. Eu gosto que ela chegue.
- BETO - Tás na tua, viciado!
- ZÉ - Não senhor! Se é preciso bater pra que acabe, eu dou com tudo e ela acaba.
- BETO - Isso não é legal, Zé.
- ZÉ - O que que não é legal?
- BETO - Bater em mulher. Não tá certo.
- ZÉ - Ah, é? E bater num cara? Tá certo?
- BETO - Como, tás andando com um cara?
- ZÉ - Não, ela me bate também.
- BETO - Mas como te bate, Zé? Essa não entendi!
- (ZÉ SE AJOELHA EM CIMA DA MESA)
- C - Ela vem primeiro e me faz assim. (DÁ UMA BORDOADA EM BETO)
- BETO - Que é isso, cara? Deixa de aporrinhar! Tá louco?
- ZÉ - Pára, pára, é pra te mostrar. Não fica nervoso. Ela vem primeiro com a coisa pequenininha e preta aqui. (FAZ A FORMA DE UMA CALCINHA SOBRE SUA CUECA) E aqui o negócio preto e erguido. (FAZ A FORMA DE UM SUTIÃ SOBRE O SEU CORPO) e o troço preto transparente...Eu vejo vir e lasco (DÁ UM BIFE NA CARA) nela, ela me devolve o troço, assim (SE BATE NA CARA), e eu nela (SE BATE) e ela em mim (SE BATE CADA VEZ MAIS FORTE) e eu nela e ela em mim e acabamos nos cagando e tapa!
- BETO - Pára, Zé, pára! Vocês são um bando de tarados! Mas isto aqui é um inferno, porra! Vou me mudar daqui! Com o Magro eu podia estudar. (BOTA O GRAVADOR NA OUTRA CAMA)
- ZÉ - (REAGINDO) Sabe que agora eu tô com uma vontade danada de trabalhar? (ESFREGA AS MÃOS)



- BETO - A gente tem que esperar. (LIGA O GRAVADOR)
- ZÉ - Quanto? Quanto a gente tem que esperar?
- BETO - Sei lá. (DESLIGA E LIGA O GRAVADOR COM UM SEGUNDO DE DIFERENÇA). O Galíndez disse que a gente não pode se mexer daqui até que ele chame, né?
- ZÉ - Puta merda, o que tás fazendo com esse bosta de gravador? Tá a fim de me en-doidar, cara? Desliga isso, caralho! Hoje, ninguém te aguenta mesmo!
- (ZÉ COMEÇA A FAZER GINÁSTICA. CADA VEZ MAIS RÁPIDO E MAIS FORTE. FAZ MUITO BARULHO E BETO NÃO PODE ESCUTAR A LIÇÃO).
- BETO - ZÉ!
- ZÉ - Beto!
- BETO - Pra que fazer ginástica agora? Me perguntou e eu respondi tudo, certo? Não vai me deixar estudar? Sim ou não?
- (ZÉ DEIXA DE FAZER GINÁSTICA E VEM PRA CIMA DE BETO).
- ZÉ - Ai, cacete. Agora não posso mais fazer ginástica, não posso falar contigo, não posso fazer um caralho! Tá pensando que é o quê? O meu pai? Vem, paizinho, me diz o que tenho que fazer, me diz!
- BETO - Lê o Pato Donald e deixa de encher meu saco!
- ZÉ - Já li três vezes e torrei.
- (ZÉ PEGA UM PATO DONALD, SENTA NA CAMA E COMEÇA A LER. BETO SE APROXIMA DE EDUARDO COM A INTENÇÃO DE GOLPEAR, SE DETÉM NO ÚLTIMO MOMENTO. EDUARDO ACORDA SOBRESSALTADO. BETO SE APROXIMA DO TELEFONE E DISCA UM NÚMERO)
- BETO - (PAUSA) Alô, Nêga. É o Beto, neguinha. Tudo bem? (PAUSA) Como está a menina? Está bem agasalhadinha? (PAUSA) Olha que agora tá frio. (PAUSA) Pede ela re-  
passar a tabuada do sete, que tava fraca no caderno. (PAUSA) Quem tá? (PAUSA)  
Ah, a tua coroa. Cade vez que eu saio de casa, tu faz essa velha entrar. (PAU-  
SA) Mas que companhia! Mé companhia, que te enche a cabeça de coisa... Chama  
a menina, chama a Rose. (A ZÉ) Vem aí a minha guriuzinha? (MELOSO) Alô, Rose!  
É o papai, querida! Como vai a minha bonequinha? Gosta muito de mim? Mas como  
eu não vou te gostar se eu sou teu papaizinho? (PAUSA) (SECO) Alô, Nêga, que  
que há? A conta da luz. Não sei, Deve estar na gaveta da cômoda. Chama a me-  
nina outra vez, tá bem? (PAUSA) (MELOSO) Alô, Ross, é o papai outra vez. Se  
Deus quiser, amanhã vou comer ravioli contigo e com a vovó. Botou o vestidi-  
nho do papai? E daí, ficou bonitinho?... Bom, faça direitinho a lição da escola  
e obedeça a mamãe, certo? Sim, minha vida, sim. Tchou, meu tesouro. (MANDA  
BEIJOS) Chama a mãezinha aí. (SECO) Alô, Nêga, a menina tá com a voz meio  
fanhosa. Vai ver que não está bem agasalhada... É, talvez não cuide direito



dela mesmo... Não, não estou levantando a voz. É só uma observação... Bem, dá uma aspirina...

ZÉ - Abacaxi com vaselina! (RIMANDO)

BETO - (A ZÉ) Não enche, tá? (PAUSA) Não, não. Não é contigo, é com o José Maria que tá aqui de meu lado. Não! Não tem nenhuma Maria aqui, Nêga. Pô, nós dois não nos entendemos nunca. Chega, velha. A gente continua depois em casa... CHEGA!  
...Vai te cagar! (DESLIGA)

(ZÉ SE APROXIMA DE EDUARDO)

É - Oi, moleque. Sabe boxear? (DÁ UNS SOCOS) Não vai passar o dia todo dormindo, vai?

(EDUARDO RI E SE ESQUIVA. TOCA O TELEFONE. OS DOIS SE OLHAM)

BETO - (A ZÉ) Atende, Zé.

ZÉ - Não, fala tu, que conhece melhor o homem. (O TELEFONE SEGUE TOCANDO)

EDUARDO - Atendo?

(CAMINHA LENTAMENTE ATÉ O TELEFONE, BETO OLHA EM EDUARDO PARA COMO QUE FULMINADO)

BETO - (ATENDENDO) Alô? Sim, Seu Galíndez. Muito bem. Muito obrigado, Seu Galíndez. Bem, na verdade não estamos muito divertidos. Um pouco chateados, eu e o Zé. Sim senhor. Uma surpresa? Aqui? Sim senhor. Eu tô ouvindo. Perfeito, Seu Galíndez. Compreendido, Seu Galíndez. (DESLIGA. A EDUARDO) Vai até a esquina, moleque. Vão te entregar dois pacotes, de parte do Senhor Galíndez.

ZÉ - Dois pacotes?

BETO - Manda dois pacotes, que é pra gente se divertir.

ZÉ - Será que vai nos mandar uma mesa de ping-pong como da outra vez?

EDUARDO - Páro na esquina e faço o quê, senhor?

BETO - Vão passar com um carro e vão te entregar dois pacotes, entende?

EDUARDO - É o que eu faço com os dois pacotes?

ZÉ - Pra onde vais levar, imbecil, pra tua casa?

BETO - Traz eles prá cá, bolha. Rápido. (EDUARDO SE VAI) Não gosto disso.

ZÉ - Disso o que?

BETO - Quando eu trabalhava com o Magro, a gente nunca esperou tanto.

ZÉ - Os tempos mudaram, cara. Agora improvisam menos.

BETO - Esta espera tá me matando.



- ZÉ - É por isso que eu trago os aparelhos.
- BETO - (PAUSA) Sabe duma coisa, Zé?
- ZÉ - (INTRANQUILO) Quê? O que houve agora?
- BETO - Quando falou ainda agora, a voz me pareceu mais rouca.
- ZÉ - Quem? Como?
- BETO - (PAUSA) O Galíndez.
- ZÉ - O que tá acontecendo, velho? Fala!
- BETO - Não sei. Me pareceu que tinha certa rouquidão ao falar. (RECUA)
- ZÉ - Deve ter pego um resfriado. Fez muito frio estes dias.
- BETO - Mas é que ontem não estava rouco.
- ZÉ - Sei lá!...De certo doraiu descoberto. (PAUSA) E depois, Beto, por que se preocupar tanto com a saúde do Galíndez? Com os grilos que já temos aqui dentro, ainda a gente vai se preocupar com um simples resfriado? Qual é?
- BETO - (PENSATIVO) É que eu pensei que poderiam ser diferentes.
- ZÉ - Diferentes o quê?
- BETO - As vozes.
- ZÉ - (RINDO) Tá dizendo que o Galíndez tem duas vozes diferentes?
- BETO - Ou que fossem duas pessoas...
- ZÉ - (SOMBRIO) Duas...pessoas? (PAUSA) Não...não pode ser. Tá mesmo muito grilado com isso. Sem essa, cara, deixa de azucrinar. Não esquenta a cabeça. É essa porra aí (APONTA O GRAVADOR) (PAUSA) Imagina se o Galíndez vai ter duas vozes diferentes. Que loucura! (PAUSA LONGA) Beto, quer dizer que o de ontem de noite e o de agora são dois caras diferentes?
- BETO - (BETO FAZ UMA LONGA PAUSA, OLHA FIXAMENTE PRA ZÉ E FAZ UM GESTO COMO QUEM DIZ "SEI LÁ")
- ZÉ - Porra, não fode! (PAUSA)(ZÉ CORRE ATÉ A PORTA POR ONDE EDUARDO SAIU) E ainda por cima deixou ele ir!
- BETO - Quem?
- ZÉ - O guri! O guri, cara! Não tá dá conta que ele pode estar em combinação com o rouco?
- BETO - O rouco? Que rouco?
- ZÉ - O rouco que se faz passar pelo Galíndez.
- BETO - Como?! Existe um rouco então?



- ZÉ - Foi tu mesmo que disse.
- BETO - Quando eu te disse?
- ZÉ - O que falou agora dos pacotes. Não é o rouco que enrola e diz que é o Galíndez?
- BETO - Bem...mas ele poderia estar com dor de garganta.
- ZÉ - (CONFUSO) Quer me deixar apavorado? Não me disse há pouco que um cara baixinho e rouco enrolou e disse que era o Galíndez? Ou eu tô ficando louco?
- BETO - (ASSUSTADO) Eu te falei dum cara baixinho? (PAUSA) Mas que baixinho?
- ZÉ - (MOSTRA COM A MÃO A ALTURA DE UM ANÃO) Seria mais ou menos assim... (PAUSA) Lá sei eu como é que era! Eu não fico medindo as pessoas pela rua!
- BETO - Pára, Zé, pára com isso! Isto é um inferno! Pára, que nós vamos ficar loucos!
- ZÉ - Que pára nem pára. Não fui eu que comecei!
- BETO - Tá, eu comecei e tu continuou. Não aguento mais, Zé! Não vamos falar mais!
- ZÉ - Ah, mas eu juro, Beto, que se eu chego e encontrar os dois juntos, eu mato!
- BETO - Quem?
- ZÉ - O rouco e o moleque! Juro por Deus que mato os dois! Agarro o rouco pelo pescoço...assim!...
- (GESTO DE ENFORCAR COM A MÃO ESQUERDA, PASSOS. APARECEM DUAS MULHERES JOVENS, COM VENDAS NOS OLHOS. ATRÁS DELAS VEM EDUARDO).
- BETO - O que é isto?
- EDUARDO - O carro chegou na esquina e desceram estas duas meninas. Me deram uma carta para os senhores. (ENTREGA A BETO)
- ZÉ - Genial, Beto! Os dois pacotes são duas putas! É demais!
- BETO - (LÊ A CARTA) "Queridos Beto e Zé"...
- ZÉ - Queridos, hein? (CONTINUA LENDO A CARTA) "Aqui lhes mando estas duas meninas para que se divirtam. Façam o que quiserem".
- BETO - "Brinde de casa".
- ZÉ - Assinado...
- BETO - Galíndez!
- ZÉ - Porra, beite macho!
- (AS GAROTAS ESTÃO PARADAS NO MEIO DO QUARTO, MUITO JUNTAS UMA COM A OUTRA. BETO E ZÉ SE OLHAM. BETO TIRA O CINTO E DÁ UMA CHICOTADA NA MESA. AS GAROTAS SALTAM ASSUSTADAS. ZÉ TOCA NO TRASEIRO DE UMA; BETO SE COLOCA NA FRENTE DA



OUTRA).

B. BETO - Tire a venda, piranha. Tira!

(CADA VEZ QUE ELA TENTA TIRAR, ELE BATE NA MÃO DELA. ZÉ FAZ SINAIS A EDUARDO PARA QUE PARTICIPE TAMBÉM, OS TRÊS SE DIVERTEM MUITO COM A CENA, AS GAROTAS TENTAM SE ESQUIVAR DOS GOLPES E EMPURRÕES)

COCA - Que qui há, meu? O que que estão aprontando aqui?

NEGRA - Mas que merda é essa?

COCA - Ai, não batam! (EDUARDO LHE DÁ UM CHUTE NO TRASEIRO) Ai! Chega de porrada! (EDUARDO METE A MÃO POR BAIXO DA SAIA DA NEGRA)

NEGRA - Tão querendo o quê?

(BETO FAZ SINAIS PARA QUE AS DEIXEM SOZINHAS, OS TRÊS SE SEPARAM, BETO SE SENTA NA CABECEIRA DA CAMA).

NEGRA - Vou tirar esta porra! (COCA TAMBÉM TIRA A VENDA, A NEGRA OLHA PARA OS TRÊS E COMEÇA A GARGALHAR) Olha só, Coca! Olha pra onde nos mandaram! Eu pensei que a gente tava com uns baita duns teão! Olha a pinta deles! Até parecem presidentes!

(COCA TAMBÉM RI A GARGALHADAS)

BETO - (INCOMODADO) Ora, não enchem o saco! Se o Galíndez mandou vocês pra cá é porque aprontaram uma grande cagada!

(COCA OLHA EDUARDO PROVOCATIVA)

COCA - Negra, pára só um pouquinho! (A NEGRA PÁRA DE RIR) Olha o gatão... Que graça, né? (A EDUARDO) Nenê, Nenê, diz pro teu papai e pro teu tio que se mandem...É o garotão aí fica com a gente.

EDUARDO- (TENSO) Os senhores não são nem meu pai nem meu tio.

BETO - (RINDO) Pelo menos, elas têm humor! Não são putas escrachadas.

COCA - Cai fora, ô cagalhão!

ZÉ - Gostosas elas, hein? Vamos parar de falar e vamos festejar!

(LIGA O RÁDIO) (A COCA) Vem, ô Vera Fischer, Vem!

COCA - (RINDO) Vê se se manca, cara!

ZÉ - (PEGA UMA GARRAFA DE UÍSQUE) Isto é pra ti, Beto.

BETO - Moleque, vai até a cozinha e traz um pouco de gelo.  
(EDUARDO SAI)

ZÉ - (MUITO ALEGRE) Uma garrafa para a madama, Jaxbas! (A FESTA COMEÇA A SE ORGANIZAR, ZÉ OFERECE UÍSQUE A TODOS, ENTRA EDUARDO COM GELÔ) Vem, magrinha, Vem

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

- comigo. (LEVA COCA ATÉ O COLCHÃO ONDE EDUARDO DORMIA)
- BETO - (ABRAÇANDO A NEGRA) Rebola, Negra. Ensina o garoto a rebolar. (BETO ABRAÇA A NEGRA, QUE ACARICIA EDUARDO).
- COCA - Negra! Larga o pentelho!
- ZÉ - Bem feito, moleque! Chumbrica! Chumbrica!
- COCA - Vem, garotão!
- ZÉ - (APONTANDO EDUARDO) Deixa ele, Beto. Depois ela fica contigo.
- NEGRA - (SE DIVERTINDO, A BETO) Meu tesãozinha! Tá brabinho?
- BETO - Olha, Zé! (OLHANDO COMO EDUARDO ACARICIA A NEGRA)
- ZÉ - E a gente tava se queixando do Galíndez!
- BETO - Não tá cum nada, xará. Não tá cum nada.
- ZÉ - É foda, amizadinha. É foda!
- SARA - (ENTRA PARA AJEITAR ALGUMAS COISAS) Que esculhambação é esta! Libertinos! Porcos imundos! Ah, estes meninos...
- BETO - (A EDUARDO) Vem, moleque, vem que dá para os três!  
(SE AJEITAM NUMA CAMA. BETO TENTA DESPIR A NEGRA)
- NEGRA - Pô, qualé? Por que esse pressa, cara? Parece que é a última vez que vai tratar um material... Até parece um cabeçaudo atrasado!
- BETO - (RI) Vamos lá, deixa que o papai desabote!
- NEGRA - Cala a boca, tarado! Eu quero que o garoto me desabote!  
(EDUARDO OLHA BETO COMO SE PEDISSE AUTORIZAÇÃO)
- BETO - Vai logo! O que tá olhando com esse cara de vaca atolada? Vai!...  
(EDUARDO DESABOTA O VESTIDO. ENQUANTO BETO A BEIJA E ACARICIA PELA FRENTE).
- ZÉ - (BEBENDO DA GARRAFA) Ao grande povo brasileiro, saúde! (TENTA DESPIR COCA)
- COCA - Pára aí! Eu também quero que o garoto me desabote!
- ZÉ - Grande, moleque! Tás te consagrando!
- EDUARDO - (A COCA) Já vou. Já vou. (ACABA DE DESABOTAR O VESTIDO DA NEGRA. OLHA AS COSTAS) Tem uma tatuagem, Zé!
- NEGRA - É Ogum, o guis que faz a minha cabeça.
- ZÉ - (RINDO) O quê, tem um São Jorge nas costas?
- COCA - Eu também tenho minha tatuagem. Olhem! (MOSTRA AS COSTAS COM ORGULHO. OS TRÊS SE APROXIMAM PARA VER)



- BETO - Brizola! A puta tem o Brizola nas costas! Isto é genial! (GARGALHA)
- EDUARDO - É com a bandeira do PTB e tudo!
- ZÉ - (MUITO SÉRIO) Tu és Brizolista?
- COCA - (DESAFIANTE) Sim! Por que?
- ZÉ - Te manda daqui, pirenha de merda!
- BETO - (SE CONTENDO PARA NÃO RIR) Ah, não fode, Zé! Ela tem o Brizola nas costas e tá levando isso a sério?!
- EDUARDO - Deixa ela, senhor! Não vê que é uma pobre mulher!
- COCA - Pobre mulher é a puta que te pariu!
- ZÉ - (MUITO AGRESSIVO) Cai fora senão te mato (A COCA)
- BETO - Esquece a política, esquece. O Galíndez mandou ela aqui pra gente fazer sa-canagem e tá querendo ser mais realista que o rei!
- ZÉ - (DEPOIS DE OLHAR PARA COCA) Tira o vestido e vem pra cá!
- COCA - Tiro o vestido quando a trepada me deixa tesuda!
- BETO - Que vocabulário bonito! Muito bem! Abre a graxeira, ô latrina!
- ZÉ - (MAIS RELAXADO) Eu passe tirar o teu vestido, meu amor?
- COCA - Por que tá me olhando assim? Tá numa merda federal, hein? Vê se não fode!
- ZÉ - Fodo, pois daí, eu sempre fodo. Sou fodão de nascimento. Me fizeram um fodido. Todos nós somos uns fodidos. Vem aqui com o papai. Vem.  
(ZÉ SE APROXIMA DE COCA E TIRA CARINHOSAMENTE O VESTIDO)
- BETO - (A EDUARDO) Vem, vamos continuar com a nossa mercadoria. Vem.  
(SE ATIRA NA CAMA COM A NEGRA. EDUARDO VOLTA A DESABOTOAR O VESTIDO. BETO A ACARICIA. SARA PASSA PELO GRAVADOR DE BETO E APERTA O BOTÃO. SE ESCUTA A LIÇÃO DE CONTABILIDADE)
- NEGRA - Que zorra é essa? Quem tá falando?
- BETO - É a minha lição de Contabilidade.
- SARA - (A BETO) Fiz mal?
- BETO - Não, Dona Sara. Deixe como música de fundo. (A NEGRA) Sabe o que eu faço com a lição de Contabilidade? Ponho a lição quando vou dormir, pra que vá gravando na minha cabeça. (PAUSA) A verdade é que na manhã seguinte, não me lembro de porre nenhuma!  
(ZÉ TERMINOU DE DESPIR COCA. ELA FICA INTEIRAMENTE NUA)
- ZÉ - (A COCA) Vem, Brizolista do cacete! Vamos começar uma linda viagem. Vamos



voar até as nuvens. Quer voar comigo?

COCA - Sim, louquinho. Quero voar contigo.  
(ZÉ COLOCA COCA SOBRE A CAMA. A CAMA FICA EM POSIÇÃO VERTICAL AUTOMATICAMENTE).

ZÉ - Não tem mesmo medo de voar? Vem cá, moleque!

NEGRA - (A COCA) Ei, que macete é esse daí?  
(COCA FAZ SINAIS COMO SE NÃO ENTENDESSE NADA, MAS DE QUALQUER MANEIRA SE DIVERTE).

ZÉ - (A EDUARDO) Amarra as mãos dele!  
(EDUARDO PRENDE AS MÃOS E OS PÉS DE COCA)

EDUARDO - Está bem assim, senhor?

ZÉ - Perfeito, garoto. (A COCA) Tens um lindo corpinho, hein? (VAI ATÉ O ARMÁRIO E TIRA UMA CAIXA. PAUSA. A EDUARDO) Tás sabendo quais são os pontos neurálgicos?

EDUARDO - Eu li alguma coisa no livro do Galíndez.

COCA - (NERVOSA) Ei, me larguem. Parem de encher! Chega de palhaçada!

BETO - É impressionante, Zé. Muito bom!

ZÉ - Por onde quer começar, garoto?

COCA - Começar o quê?

EDUARDO - Mas vamos começar com ela, senhor?

ZÉ - Sim, claro. (PAUSA) Vamos voar com ela (PAUSA) Tens sorte, garoto. É bom praticar com uma puta. Nem todos tem este material. Vamos lá!

COCA - (ASSUSTADA. A EDUARDO) Moço, diga a eles que me soltem. Por favor, moço.

EDUARDO - O que eu tenho que fazer?  
(BETO SE APROXIMA DA CAMA ONDE COCA ESTÁ ATADA)

BETO - (A EDUARDO) Por onde mesmo quer começar?

EDUARDO - (PAUSA) Pelos biquinhos.

BETO - Por que os biquinhos? Bom, mas sem falar. Olha, garoto, nesta profissão não se fala! Aqui são os outros que falam.  
(EDUARDO SE APROXIMA DE COCA E MARCA AS ZONAS DO CORPO)

COCA - Socorro! Me deixem! Socorro!

NEGRA - Mas o que é isto? (SE LEVANTA DA CAMA) Ficaram loucos?

BETO - (A NEGRA, SUJEITANDO-A) Fica quieta!



COCA - Me ajuda, Negra!

NEGRA - Larguem ela! Cambada de filhos da puta!

NESTE MOMENTO UMA MÚSICA MUITO FORTE ABAFA AS VOZES DA CENA. SÓ SE VÊEM OS MOVIMENTOS. OS ATORES CONVERSAM, PORÉM NÃO SE ESCUTA O QUE DIZEM. A SITUAÇÃO DRAMÁTICA É A SEGUINTE: EDUARDO MARCA EM COCA AS ZONAS DO CORPO QUE DEVEM SER INTERPRETADAS COMO ZONAS NEVRÁLGICAS. BETO SUJEITA A NEGRA QUE TRATA DE SE SAFAR E GRITA HISTÉRICA. QUANDO EDUARDO TERMINA DE MARCA A COCA, ZÉ PEGA UM BORRIFADOR DE FOLHAGENS E A MOLHA TOTALMENTE. ELA GRITA E CHORA. ESTÁ DESESPERADA. ZÉ TIRA DO ARMÁRIO UMA PICANA E A LIGA. SE VÊEM AS FAÍSCAS. FAZ O GESTO DE OFERECER A EDUARDO. BETO O ESTIMULA PARA QUE O AGARRE. EDUARDO VACILA. ZÉ INSISTE. EDUARDO ESTÁ A PONTO DE AGARRAR A PICANA. A TENSÃO DRAMÁTICA CHEGA AO SEU CLIMAX. LOGO SE VÊ QUE O TELEFONE TOCA. DIGO QUE SE VÊ PORQUE BETO, ZÉ E EDUARDO FICAM PARALISADOS. CESSA A MÚSICA E SOMENTE SE ESCUTA O TELEFONE E O PRANTO E A QUEIXA DAS MULHERES. BETO ATENDE RAPIDAMENTE O TELEFONE.)

BETO - Alô, sim Seu Galíndez! Como? Dez minutos? Escute, Seu Galíndez, o que vamos fazer com as duas pistoleiras? Perfeito, Seu Galíndez... Sim senhor. Compreendido. (DESLIGA. A ZÉ) Dequi a dez minutos vamos trabalhar.

ZÉ - E o que nós vamos fazer com estas duas aqui?

BETO - Que o garoto leve elas até a esquina e que se mandem. Já! Vamos lá! (A NEGRA) Vamos, cagalhona! Para de chorar e te veste, anda!  
(EDUARDO AJUDA A TIRAR COCA DA CAMA. COCA NÃO PARA DE CHORAR. EDUARDO LHE ALCANÇA A ROUPA E AJUDA A SE VESTIR. BETO EMPURRA A NEGRA E A OBRIGA A SE VESTIR. ZÉ CAMINHA DE UM LADO PRA OUTRO).

ZÉ - Vamos, vamos, que tudo deve estar pronto dentro de dez minutos. (A COCA) E não grite mais, porque até que te saiu barato!

COCA - O que que tá acontecendo? (CONFUSA) Por que me fizeram tudo isto?

ZÉ - Não há nada demais. O que acontece é que tu tem mais é que te vestir logo e se mandar. Já! Senão, te encho de porrada. (LHE DÁ UM TAPA) E cala a boca, tá bom? Nem uma palavra fora daqui! Senão vou te buscar lá no teu puteiro perebento, te arrabento. Vais te arrepender pro resto da tua puta vida.

EDUARDO - Vamos, piranha de merda, bota os sapatos! (SACODE-A COM POSE)

NEGRA - Porra, não batam mais. Não batam mais.

BETO - Vão pra puta que as pariu! Fora daqui! Já!

ZÉ - As vendas, rapaz. As vendas.

(EDUARDO PEGA AS VENDAS DO CHÃO E GUARDA. APRESSA AS MULHERES, DANDO TAPAS

NO TRASEIRO. FINALMENTE SAEM OS TRÊS. AS MULHERES ESTÃO QUE É UM TRASTE. QUANDO OS DOIS FICAM SOZINHOS, AS LUZES DIMINUEM E SE TEM A SENSAÇÃO DE QUE COMEÇA UM RITUAL. TODOS OS MOVIMENTOS SÃO FEITOS EM SILÊNCIO E EM PERFEITA COORDENAÇÃO. BETO E ZÉ COLOCAM UMA MACA NO MEIO DO QUARTO. BETO DOBRA A TOALHA DA MESA E GUARDA NO ARMÁRIO. RETIRAM A CAMA PARA UM CANTO, ZÉ VIRA UMA CÔMODA E SE OBSERVA QUE É UM ARMÁRIO DE REMÉDIOS. OS DOIS VÃO ATÉ O ARMÁRIO E CADA UM PEGA UM GUARDA-PÉ. PÕEM. DO BOLSO DO GUARDA-PÉ TIRAM LUVAS DE BORRACHA. PÕEM. BETO TIRA DO ARMÁRIO UMA CAIXA E A COLOCA EM CIMA DA MACA. DÁ TIRA AMPOLAS, SERINGAS, PINÇAS E APARATOS DE PRESSÃO ARTERIAL. REVISAM UM POR UM E GUARDAM NOVAMENTE. SÓ DEIXAM FORA UM APARELHO QUE LEMBRA UM ELEMENTO FÁLICO, METÁLICO, MUITO GRANDE. HÁ MUITOS ELEMENTOS QUE SE METAMORFOSEIAM. SÓ HÁ LUZ DE FOCOS. CHEGA EDUARDO. AO VÊ-LOS, FICA TOTALMENTE DESCONCERTADO.)

ZÉ - Não se assuste, rapaz. É a rotina.

BETO - (A EDUARDO) Trouxe roupa?

EDUARDO - Não me disseram nada, senhor.

ZÉ - (A BETO) Quantos estão mandando?

BETO - Dois.

ZÉ - Como te sentes?

BETO - Como sempre. Com vontade de trabalhar.

ZÉ - E o garoto aí?

EDUARDO - Com um pouco de medo.

ZÉ - Nem te preocupa, rapaz. Agora vais conhecer com a gente o que é trabalhar. Vai ver as caras que fazem nesta maca. E nunca mais vais esquecer.

BETO - Lá fora se fazem de machões, entendeu? Jogam bombas. Matam nossos companheiros inocentes. Mas quando botamos eles aqui na maca e tocamos eles com os aparelhos... (PAUSA) Aqui se cagam! Se mijam! Pedem pela mãe!

ZÉ - (AGARRA A PICANA) Agora, isto daqui, é preciso saber usar. Tem que funcionar direitinho na hora agá. É como uma sinfonia. Cada um deve tocar no momento certo. Como o Galíndez disse, a época dos açougueiros entre nós já era.

BETO - Tem que pensar que, por cada trabalho bem feito, tem mil caras encaçapados de medo. Nós atuamos por irradiação. Este é o grande mérito da técnica... e do Galíndez.

ZÉ - E além disso, o que tem de bom é que é um serviço seguro. Existe muita gente acima de nós que cuida da gente. Muitos interesses.

BETO - (A EDUARDO) Eu e o Zé trabalhamos quatro vezes, nada mais. Mas a verdade é



que a gente se dá super-bem.

ZÉ - (RINDO) Tocamos o mesmo samba-canção.

BETO - Como vê, rapaz, aqui nenhum detalhe escapa do nosso controle.

EDUARDO - Sim, tô vendo. Pra manejar tudo isto a gente deve estar muito bem preparado.

BETO - Eu antes trabalhava com o Magro Azambuja Um dos maiores técnicos que já tivemos aqui dentro.

EDUARDO - O que se suicidou? (BETO E ZÉ FICAM IMÓVEIS)

BETO - Como tês sabendo disso?

EDUARDO - Me disseram que trabalhava muito bem. Que a mulher deixou ele e por isso se matou. (OS DOIS SE RELAXAM)

BETO - Cadê a soqueira?

ZÉ - No armário. (BETO VAI AO ARMÁRIO. TOCA O TELEFONE. BETO OLHA ZÉ.) Alô, sim? (BETO E EDUARDO SE APROXIMAM) Como? Que que o senhor disse? Que não vamos trabalhar hoje? (BETO PEGA O TELEFONE. ZÉ A BETO) Tem a voz rouca?

BETO - Alô, é o Alberto Nogueira, o Beto, que está falando Seu Galíndez. Não...o que acontece é que o Zé não entendeu direito. Ah...entendeu bem, então?

ZÉ - Não é o Galíndez, Beto!

BETO - Não senhor. Mas acontece que já estamos com tudo preparado, Seu Galíndez.

Zé - Não é o Galíndez, Beto!

BETO - Esses do ofício. Ah...foi suspenso por isso. Perfeito, Seu Galíndez. Chamos amanhã às seis, como todos os dias. Compreendido Seu Galíndez. (BAIXA O TELEFONE. PAUSA) Disse que é pra gente deixar tudo como está. E que a gente vá embora.

ZÉ - Não é o Galíndez, Beto! Estão nos enrolando, como fizeram com o Magro.

BETO - Cala a boca e troca de roupa!

ZÉ - Mas tu sabe melhor do que eu como é isto! É a história do Magro que tu contou!

BETO - Não fica histérico, cara. Era o próprio Galíndez sim. Sabe o que que ele disse? Que a gente não pode trabalhar porque a situação está a perigo. Entende ou não? A situação tá ruça, entendeu? Sujou! (PAUSA) Não vê que eles estão defendendo o nosso? Pra que reclamar? Estão protegendo a gente, Zé. Não querem nos criar problemas e não querem criar problemas pra eles. Nada mais! (COMEÇA A GUARDAR SUAS COISAS. ZÉ ESTÁ MUITO NERVOSO) E tês te lembrando daquele jornalista? Tu exagerou com o rapaz e quase armou uma baita confusão!



- ZÉ - (MUITO AGRESSIVO) Por que falar no jornalista logo agora?
- BETO - Te falei várias vezes durante o serviço...e tu mem aí...naquela noite tavas inspirado com o rapaz...Tu te passou com os volts, né? (ZÉ SE ATIRA EM CIMA) Larga! Larga! Cacete!
- ZÉ - (AGARRANDO BETO COM FORÇA) Mas foi o Galíndez que disse que era pra pegar com tudo. Queria que o cara servisse de exemplo.
- BETO - Mas vivo! (SOLTANDO-SE) Vivo o rapaz teria servido mais, Zé. (ZÉ PERSEGUE BETO POR TODO O QUARTO) Vivo, sacou, vivo!
- ZÉ - Porre, não esperava essa tua! Sou um profissional! Dediquei minha vida a este trabalho. Este é o meu único trabalho e ainda por cima tenho que ouvir conselhos idiotas de gente como tu! Comigo não tem história, Beto. Eu não estudo no Instituto Universal. Eu vivo disto e esta é a minha profissão!  
(PAUSA)
- ZÉ - Mas, olha, isso não fica assim não? Não, de maneira nenhuma?... Pra mim, me deram uma ordem tim-tim por tim-tim. Isto vai se esclarecer!...
- BETO - E com quem vais esclarecer?
- ZÉ - Olha, te juro, como me chamo José Maria Ramos, que amanhã mesmo vou lá no Departamento Central.
- BETO - Tás achando que o Chefe vai resolver o problema?
- ZÉ - E se o Galíndez trabalha pro Chefe, que os dois se entendam!
- BETO - Mas e a coisa é mesmo assim, Zé? (PAUSA) Não será que o Chefe trabalha pro Galíndez? Não será o contrário?
- ZÉ - (DESCONCERTADO) Como? Não te entendo.
- BETO - Quer que te diga uma coisa, Zé? Às vezes eu penso que todos... que todos nós trabalhamos pro Galíndez. (PAUSA)
- ZÉ - Mas, então, quem é esse Senhor Galíndez?
- BETO - Nesta altura do campeonato, importa realmente saber quem é o Galíndez? (DESCONTROLADO) Afinal de contas, isso vai nos servir pra alguma coisa? Não nos pagam bem? Que outra coisa a gente poderia fazer melhor do que isto aqui? (ZÉ ESCUTA ATENTAMENTE COMO SE COMPREENDESSE QUE NÃO HÁ SAÍDA. COMEÇA A SE TROCAR LENTAMENTE; EDUARDO PASSEIA TRANQUILO, TOCANDO EM TODOS OS OBJETOS QUE HÁ NO QUARTO).
- ZÉ - Que bela confusão se armou na tua cabeça, né? Veio pra nos ver trabalhar e encontrou toda esta tremenda zorra. (SEGUE SE TROCANDO) Mas isso tudo veio bem, porque aqui o cara deve estar preparado pra tudo, certo garoto?



(BETO E ZÉ COMEÇAM A SE ARRUMAR PARA SAIR).

EDUARDO - Não se preocupem por mim. Estou muito satisfeito de estar aqui com vocês. Eu sabia antes de vir que este era um trabalho duro. Eu imaginava, bah!... Pelo que li no Livro de Instrução do Senhor Galíndez. Eu sei que estar aqui não é nada fácil!...Mas...eu gosto deste trabalho. Está de acordo com o meu temperamento. Como diria Galíndez, cada um deve lutar de sua trincheira. (PAUSA) E esta é a minha trincheira. (AGARRA A PICANA) (PAUSA) E algum dia vou aprender a tocar minha própria melodia (ACARICIA A PICANA) Como disse o Galíndez. (PEGA UM LIVRO E LÊ):

"Não podemos deixar de assinalar o enorme esforço de vocação que nessa profissão exige. Só com esta fé e com esta vontade é que se alcança uma educação mental necessária para o êxito de nossas tarefas. Fé e técnica são, pois,

« a chave para um grupo de homens privilegiados...Com uma missão excepcional...»

(BETO E ZÉ CAMINHAM ATÉ A SAÍDA, JÁ TROCADOS)

ZÉ - Bem, rapaz, ainda vais saber isso aí de cor e saltado!

BETO - E vai aprender a tocar no teu próprio ritmo!  
(ENTRA SARA E SEM OLHAR PRA ELES FALA)

SARA - Já vão?

BETO - Sim, Dona Sara. A senhora vai ter que arrumar tudo isto.

SARA - Não tem trabalho hoje?

BETO - Não, foi suspense na última hora.

SARA - Que estrenei!

(SE DIRIGEM ATÉ A SAÍDA, QUANDO A VOZ SEGURA E POTENTE DE EDUARDO OS DETÊM. EDUARDO ESTÁ NA FRENTE DA MACA. TEM EM SUA MÃO UM APARELHO DE METAL E, A MEDIDA QUE FALA, VAI ABRINDO O APARELHO CADA VEZ MAIS).

EDUARDO - "A nação toda já sabe de nossa profissão. Também o sabem nossos inimigos. Sabem que nosso trabalho criador e científico é uma trincheira. E assim, cada um, desde a sua, deve lutar nesta guerra definitiva contra os que tentam, baseados em ideologias exóticas destruir nosso estilo de vida, nosso ser nacional".

(SOA O TELEFONE. EDUARDO ATENDE COM UM GESTO MARCIAL)

EDUARDO - Alô? Sim, senhor Galíndez!

BLACK OUT

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025